

Altamiro é um purista. O leitor não aprofundado nos matizes da Última Flor do Lácio pensará: “Ainda existe alguém puro nos dias atuais? Neste século de *footings* lunares, robôs e permutas cardíacas?” Outros imaginarão ser ele puro no sentido de casto. Nada mais errado, pois se fizermos uma visita à rua Piabanha 188 veremos um bando de pirralhos em escala decrescente a depredar as redondezas. Fora esta hipótese, pode-se calcular ser o protagonista um puro de sentimentos, ilibado. Outro erro. Gosta muitíssimo de carterar um pôquer, e se não tira um ás da manga, não é por escrúpulos, mas sim por pusilanimidade. Então já irritado perguntará: o que é afinal

um purista? No Pai dos Burros encontramos: Sujeito pretencioso na pureza da linguagem. Sem eufemismos traduz-se no seguinte: sujeito metido a falar bonito. Altamiro era um purista até a última célula. Os preciosismos faziam parte do seu metabolismo. Nunca começava uma frase por pronome oblíquo, nunca tropeçava numa concordância e cacófono nem sonhando. Andava perenemente com um desses dicionários liliputianos no bolso. Volta e meia consultava-o, garimpando palavras difíceis para memorizar. Preferia dizer acrobata a acrobata, lucivelo a abajur, balipodo a futebol, pelhança a pelanca.

No trabalho (era revisor de uma revista só para homens) era vítima constante de chacotas sem que desse importância e perdesse o ar pernóstico. Certo dia um colega vendo-o sair apressado perguntou:

– Que pressa é essa, Altamiro? Vai tirar a gramática da força?

E o filólogo com ar displicente:

– Se vos interessa, vou para a boêmia. O outro, insaciável devorador de palavras cruzadas e que conhecia tudo quanto é biboca espalhada pelo mundo, olhou estupefato.

– O que vais fazer na Checoslováquia? Altamiro estancou e abriu os braços num gesto

teatral.
– Parvo! A pronúncia certa é boêmia. Vós conspurcadores da língua pátria é que transformaram-na em boemia. Isto aqui é uma segunda Soles. Vou às libações.

Bateu a porta e saiu de nariz empinado. Maria, a esposa, não aparentava já ter posto seis filhos no mundo. Suas carnes ainda eram rijas, o andar gracioso e um colo magnífico. Era inexplicável ter desposado um homem tedioso como Altamiro que só falava cuspidio pretensa sapiência. Os dois conversando assemelhavam-se a um conclave camoniano. Era permitais pra cá, devieis pra lá. Os filhos já empregavam defecar e urinar para precisar suas necessidades fisiológicas. Era comum se ouvir o menorzinho balbuciar:

– Mamã fecá.
Ai dos petizes se soltasse uma gíria. O chinelo soava em dó maior.

Altamiro tomou o cafézinho e acendeu um cigarro. Um dos filhos agarrou-lhe o braço:
– Me dá um pedaço de bolo, pai.
Altamiro fulminou-lhe com o olhar.
– Use o pronome no lugar certo ou servir-te-ei outro tipo de bolo. O garoto com a gulodice

obliterando a mente não conseguiu raciocinar e Altamiro com indiferença empurrou o prato para o centro da mesa. A campainha soou. Altamiro fez menção de levantar-se mas Maria antecipou-se.

– Deve ser o rapaz da mercearia. Atende-lo-ei. Na porta estava um português jovem, atlético, peito cabeludo, com um rosto sensual onde faiscavam dois enormes olhos verdes. Quando o marido não estava Maria gostava de conversar com ele, esquecendo-se das próclises, mesoclises e outras chatices. O olhar do rapaz parecia disse-cá-la e isso a lisonjeava.

– O senhor tem troco para duzentos, seu Manoel? – Não o tenho cá, madame. Adispois a senhora paga.

Maria botou as compras sobre a mesa e Altamiro resmungou:
– Adispois! Vamos mudar de armazém. Este homem pode infectar nossos filhos com esse palavreado errôneo.

Levantou-se e saiu. Os meninos avançaram no bolo.

Maria apanhou o telefone.
– É o Manoel? Escuta, resolvi aceitar. Dia 15. Estamos combinados.

O menorzinho correu e pendurou-se às suas pernas.

– Não enche, exclamou, dando-lhe uma tapon. Dia 15. Altamiro entra em casa alvorçado:
– Maria! Maria! Encontrei um substituto pra *petit-pois*: glóbulo comestível.

Silêncio.
– Maria, farei desaparecer esses malditos galicismos.

Nenhuma resposta.
Vasculhou a casa e não encontrou ninguém. Sobre a televisão um envelope. Abriu-o ávido:

Seu Artamiro
Perdoa o mau jeito. D. Maria queria conhecer a Terrinha.
Levamos os meninos pra divertir a gente na viagem.

Seu criado:
Manoel D’Azevedo Pinho.

Altamiro rasgou o papel possesso e desabafou no sofá:
– Sacripanta! Jogral! Microcéfalo! Onde já se viu escrever jeito com gê!

Renato Vivacqua em Contos, 1990;
Antologia Organizada pelo Sindicato dos Escritores no DF

C A F A J E S T A G E M

– Mariazinha, se o Pedrinho ligar estarei no quarto.

– Pode deixar queridinha! (pode!)

Mariazinha dividia o quarto com Amália Amaralina já ia fazer um ano.

– Trim...

– Alô!

– Amália Amaralina por favor.

– É o Pedrinho? – pergunta baixi-

nho.

– Sim!

– Olha, ela não está. Mas não se preocupa não. Ela só foi tomar um chope com um amigo de infância. Ah! Ela disse ainda para você esperar que vai te ver amanhã.

– Ah é, é! Pois sou eu quem não quer mais vê-la!!!

– Não fala isso não, Pedrinho. Se você quiser te faço companhia amanhã.

– Não quero incomodar você!

– Que nada. Não será incômodo nenhum, será um prazer. Mas... só se você não contar para a Amália Amaralina. Sabe como é, ela não vai entender que é só amizade.

– Tudo bem! Passo aí amanhã. Você é uma boa amiga.

Pouco depois Amália Amaralina chega na sala e pergunta à amiga.

– Quem era no telefone?

– Telefone!?!

– É?

– Nem tocou. Acho que você estava sonhando. Vai deitar de novo vai, você precisa descansar.

– Tá, mas se o Pedrinho telefonar não se esqueça de me chamar.

O telefone não tocou mais naquela noite; nem no outro dia; nem na noite

daquele outro dia.

Porém na noite seguinte Mariazinha, todo emperquitada avisa à amiga que vai dar uma saidinha.

– Quem é ele?

– Conheci ontem, hoje é que vou saber...

– Ele vem pegar você aqui? Me apresenta!

– Não!!! Quer dizer, vou encontrá-lo no Squinão Bar. Sabe como é!... é!...

E Amália Amaralina que não era de desconfiar de nada sentiu um estalo naquele momento. Pensou, e pensou e chegou à seguinte conclusão:

– Ora, Mariazinha não saiu de casa ontem. Passamos o dia juntas, não saímos à noite. Mas, o telefone tocou ontem, eu ouvi, ouvi até ela falar o nome do Pedrinho. Além do mais ele

ficou de telefonar ontem para mim... Vou lá.

Chegando no Squinão Bar, Amália Amaralina comprovou suas suspeitas. Mariazinha realmente a enganou.

– Então é esse o rapaz que você conheceu ontem, e não sabia nada dele?

– Ahn!!!

– Quê?

– É você, não pensei que fosse tão descarado a ponto de sair com uma amiga minha.

– Ah é! E o passeiozinho com o seu amiguinho de infância?

– Não sei do que você está falando.

– Não se faça de desentendida, vocês foram tomar um chope ontem.

– Que chope? Fiquei foi a noite toda esperando o seu telefonema...

Nesse momento entreolharam-se, alguma coisa estava errada naquela conversa. Olharam para a Mariazinha, que naquele instante estava deixando a mesa, porém ainda ouviu as últimas recomendações de Amália Amaralina;
– Assim como você deixou a mesa, espero que deixe o meu quarto ainda hoje.

De Mariazinha nunca mais se ouviu falar, deve estar enganando outra amiga, ou talvez tenha aprendido a lição; de Pedrinho, Amália Amaralina nunca mais quis falar; de Amália Amaralina, sabemos que ela deixou a cidade num ônibus com destino a Brasília. Hoje ela divide um quarto com uma amiga da faculdade...

Marta Maria Lima Alves, em Contos, 1990;
Antologia Organizada pelo Sind. dos Escritores no DF

U M S I M P L E S B O N E C O

Aberta a porta, Joaquim passeou a vista pela sala e pôs-se a abrir as janelas de vidro. Tudo em perfeita ordem, como haviam deixado no dia anterior. Mesas, cadeiras, armários, carimbos, cinzeiros, tudo em seus devidos lugares. Com pouco, chegariam os outros. E mais um dia igual ao passado. O mesmo toque-toque das máquinas, as mesmas perguntas, as mesmas tarefas, as mesmas horas lentas.

Seguiu em frente e chegou ao banheiro. Nada escapava ao seu olhar vigilante. Precisava ver se também lá havia ordem e respeito. Um dia pegaram um rapaz e uma moça agarrados no banheiro destinado ao público, ao fundo do corredor.

Empurrou a porta, como se tivesse medo de encontrar fantasmas, e virou pedra. Que horror! Deus, que horror! Meu Deus!!! Um corpo pendurado,

horrível, rijo, apavorante. Ou não era verdade, sonhava, delirava? Abriu, arregalou os olhos. Talvez fosse pura impressão, um pensamento de medo, desses de todo dia. Olhou para o vaso, a pia, o espelho. Sim, havia um corpo pendurado, os pés enormes entre o chão e a vida. E se estivesse vivo, se ainda não tivesse morrido?

Desesperado, Joaquim tocou o corpo, exatamente a perna do enforcado, e, a esperança num olho, a piedade noutro, olhou o rosto desfigurado do morto. E deu um pavoroso grito. Aquele corpo era o seu. Sim, tudo no outro semelhante a ele.

Preocupado, deu dois passos para trás e se viu no espelho, triste e pesa-roso. Ora, aquilo devia ser um boneco. Brincadeira dos colegas. Sim, só podia ser um boneco. Horrível boneco morto.

Olhou mais uma vez para a língua estirada do outro. Aquele rosto, na

verdade, parecia o seu. As mesmas feições, os mesmos braços cabeludos, sua roupa preferida, aqueles sapatos rotos e sujos, tão idênticos aos que usava todo dia. Pura coincidência, mero acaso, como diziam. E, decidido, puxou a porta do banheiro. Precisava avisar a polícia. Antes da chegada dos colegas. Com urgência. Um crime bárbaro na repartição, uma desgraça, um suicídio talvez. E pôs-se a discar números e mais números. Que não davam em nada. Discava, discava, e nada. Melhor mesmo ir à polícia. Pegava um táxi, contava tudo ao motorista e, em poucos minutos, se livrava daquilo. Deixava janelas e portas abertas. Os colegas chegariam logo. Não podia esperar.

– Quem é o morto, seu Joaquim? – irritou-se o policial de plantão.

Não sabia, talvez o conhecesse, porém não lhe sabia o nome. Além do mais, podia ser um simples boneco. Trabalho perfeito, obra de artista. O policial trancou a cara mais ainda, deu um murro na mesa e urrou. Não admitia gracinhas. Ou Joaquim não desconfiava das boas surpresas reservadas a quem brincava com a polícia? E acendeu um cigarro nauseabundo, soprou a fumaça na direção do interrogado, gargalhou.

– Confesse logo, seu engraçadinho. Joaquim diminuiu de tamanho, encolheu-se todo e pôs-se a balbuciar inúteis defesas. Sim, tudo não passava de sonho. Ninguém se matara, ninguém se enforcara. Não havia corpo nenhum pendurado no banheiro da repartição. Que tolice procurar a polícia para contar sonhos!

– Confesse, seu Joaquim – gritou de novo o policial, arma apontada para a

cabeça do pequenino informante, que diminuiu ainda mais de tamanho.

E os colegas? Já teriam visto o cadáver? Certamente lamentavam seu derradeiro ato. Tão trabalhador, tão honesto, tão cumpridor dos deveres! Por que se matara? Dívidas? Amor? Dívidas? Tumor? Precisava voltar logo, tudo não passara de sonho, alucinação, pensamento ruim. Continuaria abrindo a porta e as janelas da repartição, averiguando palmo a palmo as salas, como sempre fizera.

– Confessa ou não confessa? – berrou mais alto o policial.

Assustado, Joaquim Xavier fechou a porta do banheiro. Os colegas chegavam, em grupo, na alegria de um novo dia.

07.10.87

Nilton Maciel, em Contos, 1990
Antologia Organizada pelo Sind. dos Escritores no DF

O Brasil, independente?	Bom amigo é como o santo,	Esta rua abandonada,	Rua de terra batida,	Excesso de condimento	A Igreja de São Lourenço,
Ah, se isso fosse verdade!	difícil de se encontrar;	deixou algo que fascina:	rua antiga, sem calçada...	estraga qualquer comida...	que o tempo jamais destrói,
Vejo o nosso Continente	pois, não é o que enxuga o pranto	– um sonho em cada calçada,	– Pedaço da minha vida,	– Ruminar ressentimento	é o marco cheirando a incenso,
sendo de outros propriedade!	mas quem não nos faz chorar.	e a saudade em cada esquina!	princípio da minha estrada.	é azedar a própria vida.	de onde nasceu Niterói.
Aloísio Bezerra, de Governo Coóptico, em BI UBT Magé, 04.99	Aristóteles Lacerda Júnior, em Fanal 05.99	Helvécio Barros, em Sem Limites 04.99	José Vitor de Paiva, em Trovaregre 04.99	Terezinha Mendes Lotiolo, em Trovaregre 04.99	Wílmor de Abreu Lassance, em BI UBT Magé, 04.99



KIDAI'S DE INVERNO

Pontinhos vermelhos desabrochando no verde: morangos silvestres. Alba Christina

É noite de festa. Fogos, quadrilha animada, fogueira queimando. Albertina C. G. dos Santos

Lojas muito cheias no Dia dos Namorados corações vazios. Ana Cecília Ferri Soares

Longo namoro só agora noivo. Quadrilha do bairro. Carlos R. Barbosa de Jesus

Fogueira acesa, pares enfeitados dançam quadrilha animada. Cecy Tupinambá Ulhôa

Polpudos rubis! canteiros fartos, rasteiros, morangos ao sol. Débora Novaes de Castro

Jogado na sarjeta buquê de rosas vermelhas... Dia dos Namorados! Douglas Eden Brotto

São mil estrelinhas a saltitar na panela ao fogo: Pipocas! Edel Costa

Unanimidade no dia dos namorados: presentes... e beijos! Edmar Japiassú Maia

Garoa fininha encharca a alma de todos. Lá vem depressão. Eduardo Lopes Vieira

— O que? Arrastão? — Quadrilha, fique tranquila, mas de São João!... Fernando L. de A. Soares

A fila animada de capias de mentira fazendo de conta. Fernando Vasconcelos

Garoa cai do céu. Muito frio, escurecido. São Paulo, te amo! Haroldo R. de Castro

No meio do jardim uma azálea succumbida. Efeito da seca. Helvécio Durso

Garoa paulista... No caminho, o teu feitiço, é abraço sutil! Hermoclydes S. Franco

Fogueira já brilha lua de prata, quadrilha saudade da infância. Joana de Toledo Machado

É São João na roça: quadrilha, quantidade, pamona... Sanfona gemendo! João Batista Serra

Todo meu jardim inserido numa flor: a azálea azul. João Elias dos Santos

Dia dos namorados. Chega carta perfumada declarando amor. José N. Reis

Campo em geada intensa. Buscam-se cães. Montes me-xem... Ai!... serão fantasma? Leonilda Hilgenberg Justus

Apelo no rádio: "Pense em mim, liga pra mim..." Dia dos namorados. Marcelino R. de Pontes

Chora em secas lágrimas silencioso sofrimento: ...caem folhas ao vento... Mariemy T.

Som de pipoca. Barulho no cinema. Bronca do guarda. Nadyr Leme Zanertz

É tempo de tortas mulheres trocam receitas safra de morangos. Neide Rocha Portugal

Noite de São João. Fogos, fogueira, quadrilha, só falta o balão! Olga Amorim

Ninhada de gatos. Filhotes disputam mamãs. Lambidas da mãe. Olíria Alvarenga

Varro com vigor... Redescubro meu gramado sob as folhas secas. Sergio de Jesus Luizato

Casais abraçados, menos flores no jardim... Dia dos namorados. Sérgio Serra

Pês descalços. Estalidos de outono. Folha seca. Sonia Maria M. Cozzo

Esses geada. Um solzinho irreverente realça a mortalha... Teruko Oda



Kigos à escolha para até três haicais a serem enviados

até o dia 30.06.99:

Crisântemo, Festa Junina, Gafanhoto.

Até o dia 30.07.99:

Aipim, Dia do Bancário, Rio Minguante.

Fazer um haikai de sação é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra da sação. O haikai de sação deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se "perca" no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo (cada conjunto em uma única ½ folha de papel carta ou ofício), escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-las normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa de rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.

Felicidade de não ter nada meu e escancarar, com as mãos vasias, as janelas aos dias, agradecendo aos céus esta riqueza da minha super-sensibilidade para a beleza, para a bondade.

Felicidade ridícula talvez, talvez insana, de realçar tudo que me consome, de distrair minha própria fome com a fome de matar a fome humana.

Felicidade (que é meu orgulho certamente vão), de, em versos, me haver dado inteira

à humanidade, na impossibilidade de ser páo.

Felicidade de vir chegando à maturação nesta paz absoluta de consciência, sem amargura e sem saudade.

Felicidade deste sereno adeus ao sonho que se evade, desta renúncia àquilo que mais quis.

Felicidade de sem remorso olhar a dor que infelicita a humanidade aflita...

Felicidade de ter sabido ser sempre tão infeliz.

Gilka *da Costa de Melo* Machado (1893/1980), Felicidade: de Meu Rosto, 1947

Sofro! Quem não sofreu, diga, no mundo sim! Diga-me, quem é que não sofreu por um amor eterno que morreu? Pelo amor que viveu um só segundo?

Não existe ninguém, que bem no fundo do seu ser, por amor não padeceu. Quem, um sonho de amor, triste, viveu ou que teve, na vida, amor profundo.

Todos esses, sofreram com certeza todos esses, tiveram a tristeza mas bem maior é a minha, pode ver.

Pois meu amor talvez, pr' a meu castigo não morreu! Sendo assim, vive comigo e sem poder ser me, faz sofrer.

Antonio Carlos Rodrigues, Castigo

Entre embrulhos de viagem, naquela tua partida, nem notaste na bagagem: — carregavas minha vida!

Amélia Ferreira de Carvalho, em Trovaregre 04.99

Deslize meu não perdoaste... Bondade já nem mais medra? — Se acaso nunca pecaste, atire a primeira pedra!

Fernando Lopes de Almeida Soares

Sem saber se devia ou não devia, e tomado por forças algo estranhas, quis possuir-te enquanto descobria os segredos que trazas nas entranhas.

Não consigo esquecer aquele dia, pois ouço tua voz e as tuas manhas e todo o fogo que em teus olhos via relembro e vivo tuas artimanhas, que nem sequer tentei, pois se tentasse, por certo envergonhado então ficasse e resistir, ali, era impossível.

E por ser assim lindo e ser contigo é que trago a lembrança hoje comigo de um momento de amor, inesquecível.

Antonio Carlos Rodrigues, Inesquecível

Esse teu amor frustrado que te proibiram que te invejaram que o destruíram, liga não.

Esse teu amor frustrado que então procurou doidamente um coração onde apontar, liga não.

Esse teu amor frustrado que não soubeste regar que não tinhas experiência que não tem como voltar, liga não.

Esse teu amor frustrado que mesmo que voltasse nada mais adiantaria que hoje não é ontem que hoje é teu tempo envelhecido, liga não.

Esse teu amor frustrado que te dói, dói, dói, que tem imagens celestiais que te desliga do presente, liga não.

Esse teu amor frustrado que não olha quem está a teu lado que a tua endurecida idade não permite sequer representar, liga não...

Manoel Fernandes Menendez



IPÊS EM FOLHA

No vitral da igreja, as águas-de-março escorrem, lavando o silêncio. Maria Reginato Labruciano

O fim do verão correndo no meio-fio: são águas de março. Héron Patricio

São águas de março. Na correntiza, os móveis. Encheite nos olhos. Patrícia Maia Patricio

As pesadas nuvens devagar vão se acabando nas águas de março... Luis Koshiro Tokutake

Um caqui maduro despenca do alto do galho... — Chão ensangüentado! Humberto Del Maestro

Nas águas de março, enxurrada de esperanças corre pelas ruas. Renata Paccolla

Sorriso vermelho: um suculento caqui explode na boca. Renata Paccolla

Doce tentação: — Caquis maduros no pé! Cachorro vigia... Maria Madalena Ferreira

As águas de março transformam ruas em rios: casas alagadas... Djalda Vinter Santos

Termina o verão... as aves deixam as margens às águas de março. José Messias Braz

Flechas multicores penetram seio da mata... — Araras voltando! Maria Madalena Ferreira

Roupas no varal... E o sol cedendo lugar às águas de março... Darly O. Barros

Uma arara vou para longe de seu ninho. Queimada na mata... M. U. Moncam

As águas de março purificando o cenário das tardes de outono... M. U. Moncam

Pelo azul do céu, voando, um bando de araras. Gritos coloridos. Maria Reginato Labruciano

Um mundo de cores, entre gritos estridentes. — Arara com fome! Humberto Del Maestro

No verde da árvore o colorido da arara: pose para foto. Yedda Ramos Maia Patricio

Trovões. Ventos. Raios. Águas de março assustam, brachinos me agarram. Patrícia Maia Patricio

Araras gemendo sobre os sonhos das crianças: — Festa no Zoológico. Eduardo A. O. Toledo

As águas de março purificam céu e terras, anunciando o outono... Anália Marie G. Bornheim

Sob o céu azul volteia um casal de araras estacando nuvens. Larissa Lacerda Menendez

Caquis vermelhinhos... Lanternas orientais enfeitando uma árvore! Santos Teodósio

Há cheia no rio e sobre as águas de março um galho passeia. Larissa Lacerda Menendez

Caqui vermelhinho, colhido apressadamente. Sabor "apertado". Yedda Ramos Maia Patricio

Florzinhas se curvam entre as pedras do caminho às águas de março... Ercy M. M. de Faria

Plumas coloridas... Arara enfeitando o parque, vaidosa se exhibe! Olga dos Santos Bussade

Marimbondo pouso sobre um caqui já vermelho: escolha acertada. Héron Patricio

Caqui madurinho... Curioso, em cima do muro, o garoto espireito... Ercy M. M. de Faria

Barulhenta e bela nossa arara colorida. Mata embelezada. Haroldo R. de Castro

Território livre: cruzando de novo o espaço, araras azuis... Darly O. Barros

Se necessário for que alguém padeça e chore para que eu seja feliz, por mais que o queira ser e que o mereça, prefiro continuar sendo infeliz.

Dizendo ao coração que cale e esqueça, além do meu dever, nada mais fiz; por menos que esta vida me ofereça, o sofrimento alheio eu jamais quis.

Ventura, construída sobre a ruína de outra que se desfaz, traz, em surdina, a amargura do pranto que causou;

dói menos renunciar a uma ventura, que consegui-la e ver na desventura de alguém, o preço enorme que custou.

Colombina (Adelaide "Yde" Schloenbach Blumenschein, 1882/1963), Renúncia, em Fanal 05.99

É meia-noite lá por fora... E as doze badaladas compassadas da hora da meia-noite, de asa espalma, de vampíricas asas molentadas, chegaram e pousam na minha alma.

Há um lamento nas águas e nos ramos, um lamento de mágoa deliciosa, um lírico lamento de quem goza...

É meia-noite, a hora em, que nos amamos, a hora do ser e do não ser, do ódio e do amor, do idílio e da cilada, a hora em que a existência está parada para a morte viver.

Nosso primeiro beijo foi trocado num momento como agora; e quanto influiu do nosso amor no fado o sortilégio da hora!

Beijaste-me, bejei-te, e, ao nosso intenso beijo, tudo ficou, por instantes, suspenso: o dia que chegava, a noite que partia, a morte que madrava, a vida que morria...

Aliaram-se os contrastes, os extremos, e, desde então, trazendo pelos seres a influência de antagonísticos poderes, desesperadamente nos queremos.

O bem e o mal sensíveis à emoção do nosso beijo delicioso, paranimfaram nossa união; e nosso amor se fez misto de dor e gozo, matando e reavivando dia a dia, como si acaso fosse um veneno muito doce uma tristíssima alegria.

Descrê do meu querer, do teu querer descreio: não sei bem definir si me odeias ou me amas, não te posso dizer se te amo si te odeio; nossas vidas se consomem, às chamadas de um ciúme absurdo, de violências cheio,

si te repilo logo após te anseio, si me repeles logo após me chamas.

É meia-noite, a hora do nosso amor; é meia-noite e não vieste ainda, e não sei si o que sinto é um prazer ou uma dor; sei que te tenho de maneira linda e que te anseio mais, a te esperar ainda, na certeza de que não chegarás.

Não chegarás e te tenho comigo de forma vaga, deliciosa, estranha, no aroma embriagador que me acompanha, no cheiro morno do teu corpo amigo. Crê, meu amor, nesta verdade estranha: ou tua alma ficou para sempre comigo, ou meu olfato te acompanha.

É meia-noite, e que volúpia, e que ânsia! inda te espero, vê como sou louca! Penso ouvir tua voz, preguiçosa à distância, tua lembrança vem beijar-me a boca. É meia-noite, e que ânsia, e que volúpia que se não acalma! — Tenho tua alma e aspiro a tua boca, ante o impossível de morder tua alma!...

Descerrei em vão das pálpebras os folhos para a antiga beleza, para o eterno esplendor da natureza: que saudade infinita dos meus olhos... Que importa a noite constelada, que importa a luz astral que me sorri, si não vejo mais nada, si na treva dos teus os meus olhos perdi?!

É meia-noite... As doze badaladas da hora da meia-noite estão em mim, ficaram-me na vida empoleiradas, num princípio de fim...

Quem me dera fugir a este momento que se fez para mim eternidade! Quem me dera arrancar o pensamento ao vampirismo atroz desta hora de saudade!...

Gilka Machado, de Meu Glorioso Pecado, 1928

Maria do Mar, tem corpo cheiroso que embriaga e tonteia qualquer pescador.

Maria do Mar, tem braços doridos e prantos sentidos de tanto sofrer.

Maria do Mar, caminha sozinha... Não sabe aonde vai e nem ouve ninguém.

Maria do Mar, tem lábios vermelhos não pede conselhos, mas sabe o que quer.

Maria do Mar, veludo macio, beirada de rio remanso a luzir, só vive a sonhar...

Maria do Mar, aquela Maria que "o rio invejou". Seu pranto secou, seu sonho acabou perdeu-se no tempo e não crê mais no amor!!!

Mariomar (Maria de Lourdes Valentim Meira), Eu vi Maria do Mar, de Leque de Aluvião, 1998

Héron Patricio, em Trovaregre 04.99

Tantos males sei tratar com ciência e com desvelo, mas nunca soube curar uma dor de cotovelo. Carlos de Barros Laraia, idem

Coração que tanto sofre, guarda logo, sem demora, toda saudade num cofre e jogue o segredo fora!

Eduardo A. O. Toledo, em Trovaregre 03.99

Neste nosso entardecer é que sentimos, querida, quanto pudemos colher nos caminhos desta vida.

Alda Corrêa Mendes Moreira, em BI UBT Magé, 04.99

Eu volto um dia, juraste. Eu não te espero, jurei. — Mentiste... nunca voltaste! — Mentir... eu sempre esperei!

Arlindo Tadeu Hagen, em Trovaregre 03.99

Meu coração não reclama, segue o caminho do bem; não tendo tudo que ama, ama o pouquinho que tem!

José Vitor de Paiva, idem

Si la infamia me alcanza puedo crearme grande, alzarme en santidad.

Si el perdigón te hiere, solo te resta pajarillo, estremecerte y morir.

Alfonsina Storni, Caza: de Poesias Completas, Sela/Editorial Galerna, 1990

Arte é ânsia de conter o infinito numa expressão.

Augusto Meyer Junior 1902/1970, Gaita

Gilka Machado